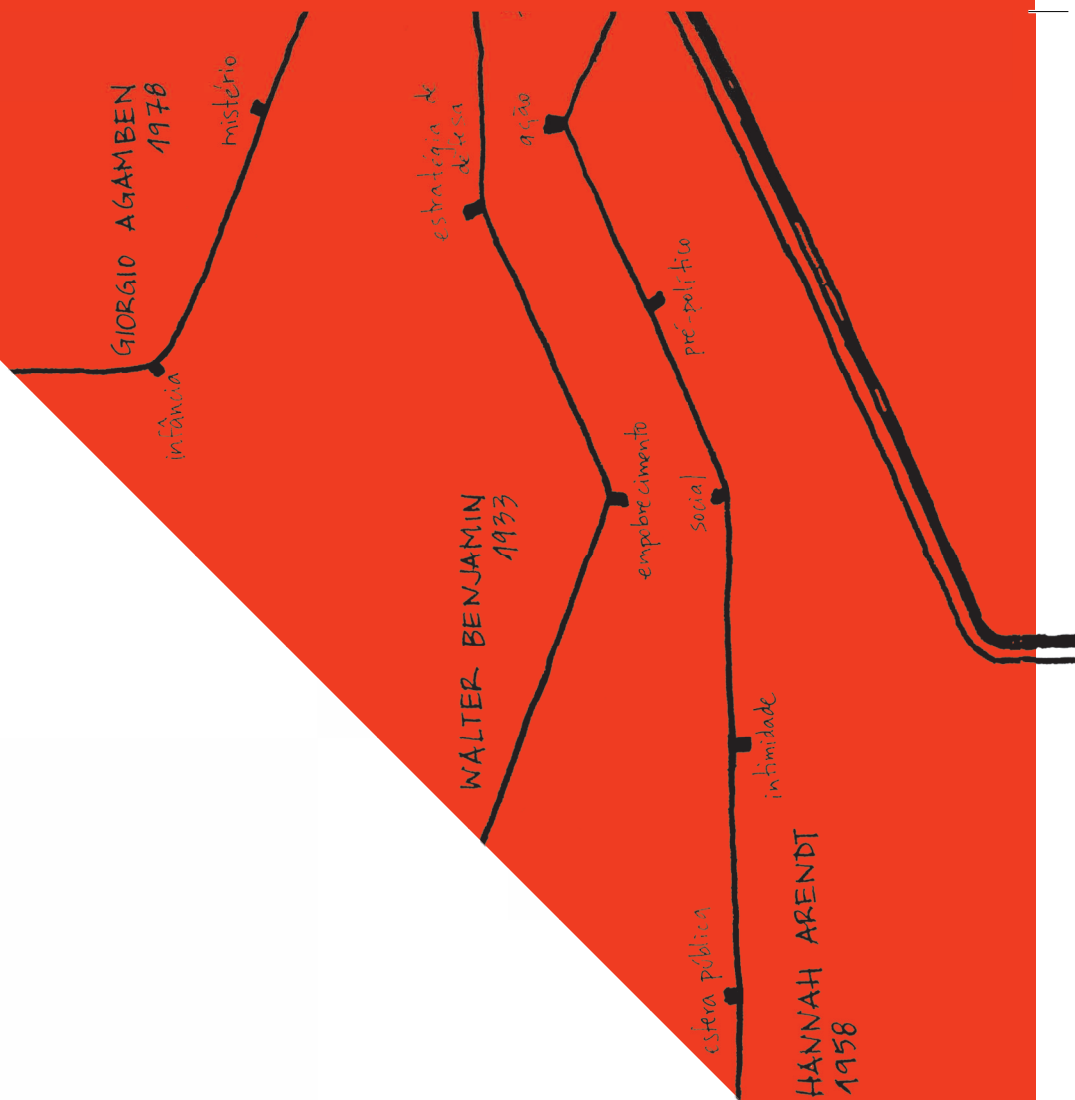




DIAGRAMA

No último semestre, os temas EXPERIÊNCIA e ESPAÇO PÚBLICO foram os principais tópicos abordados pelo Grupo de Estudos Teóricos da Pesquisa (PRONEM). A partir da leitura dos textos de HANNAH ARENDT “As Esferas Pública e Privada”, GIORGIO AGAMBEN “Infância e História: Ensaio sobre a Destruição da Experiência” e WALTER BENJAMIN “Experiência e Pobreza”, e do registro de calorosos debates gerados apresenta-se, aqui, uma edição textual composta de três narrativas-base. Às inúmeras narrativas resultantes possibilitam uma composição momentânea que se propõe a trabalhar sobreposições, articulando falas e escritos selecionados; recortes que permitam revelar lacunas, brechas, descompassos espaço-temporais, e que se encadeiam à medida que as narrativas constituem movimentos embaralhados e de sequência rizomática. O **DIAGRAMA** delinea, portanto, um debate aberto e que, além de permitir um panorama e uma conversa especialmente entre os três autores acima citados, proporciona *flashes* não sequenciais de um instante mutável. Se embaralhados por outras mãos, estes “polilóquios” ou “multiálogos”, por assim dizer, certamente seriam outros, com ênfases conjuntivas distintas e, assim curados, se apresentariam de outra maneira, criando ainda outros processos narrativos.



HANNAH ARENDT: A palavra *polis*

tem uma conotação de algo com uma vida política, ao que se refere a expressão tal como o círculo e de uma relação na qual que, originalmente, signi-

ICARO VILAÇA: A sobreposição de uma x pra fora, a um espaço "exposição" citada por F

público se e a hegemonia

na família; pode até tornar-se tão forte que o seu peso é sentido na esfera pública; mas esse mundo familiar jamais pode substituir a realidade resultante da soma total de aspectos apresentados por um objeto a uma multidão de espectadores. Somente quando as coisas podem ser vistas por muitas pessoas, sem mudar de identidade, de sorte que os que estão à sua volta sabem que vêem o mesmo na

que disponha sobre si mesmo. [...] Porém, nós hoje sabemos que, para a destruição da experiência, uma catástrofe não é de modo algum necessária, e que a **pacífica** existência cotidiana em uma grande cidade é, para esse fim, perfeitamente suficiente.

É esta incapacidade de traduzir-se em experiência que torna hoje insuportável – como em momento

WASHINGTON DRUMMOND: Talvez não seja o objetivo, no campo da experiência a valorização de experiência no sentido do "isso" não há chaves. Enquanto que nós, no de pesquisa estamos os experimentos que coloca: não reduzir o totalidade; e, ao mesmo mos buscando uma que seja possível

FERRAZ: No momento experimento devora a (e nós corremos o risco e aceitar isso te) é o momento em que torna-se público.

Experimento científico, em que ser o mais público para que o experimento repetido e refutado. Tem que possos protocolos

VILELA: É fundamental para entender esta questão, pensar na posição do sujeito. Na experiência sujeito é central, enquanto que no

FERNANDO FERRAZ: Arendt chega a afirmar, inclusive, que não há cidade

DIAGRAMA : OSNILDO WAN-DALL

28.09.11

CACA' FONSECA
OSNILDO WAN-DALL

26.10.11

BETO VILELA
DILA REIS

16.11.11

PATRICIA ALMEIDA
DANIEL SABOIA

CACA' FONSECA

THAIS PORTELA

OSNILDO WAN-DALL

pública que o termo privado, em sua acepção original de **privação**, tem significado. Para o indivíduo viver uma vida inteiramente privada significa, acima de tudo, ser destituído de coisas essenciais à vida verdadeiramente humana: ser privado da realidade que advém do fato de ser visto e ouvido por outros, privado de uma relação objetiva com eles decorrente do fato de ligar-se

mais completa diversidade, pode a realidade do mundo manifestar-se de maneira real e fidedigna. [...] O mundo comum acaba quando é visto somente sob um aspecto e só se lhe permite uma perspectiva. [...] Em segundo lugar, o termo público significa o **próprio mundo**, na medida em que é comum a todos nós e diferente do lugar que nos cabe dentro dele. [...] A esfera pública, enquanto mundo comum, reúne-nos na companhia

algum no passado – a **existência cotidiana**, e não uma pretensa má qualidade ou insignificância da vida contemporânea confrontada com a do passado (aliás, talvez jamais como hoje a existência cotidiana tenha sido tão rica de eventos significativos).

"metodologizar". Ou seja, como fazer uma experiência que tenha um mínimo de considerações científicas para os nossos pares (o experimento – **o experimento está marcado pelo método**). Há uma aproximação muito grande de Agamben com Bataille – a **experiência mística**. A experiência, para Bataille, enquanto suma atológica, era justamente a experiência que pudesse romper esses limites. Não necessariamente pública.

de procedimento se tornem experimentos. Assim vamos cair em algo que todos os autores que estamos discutindo criticam.

FERNANDO FERRAZ: O momento histórico que o experimento engole a experiência é o momento da produção da constituição do

da possibilidade de realizar algo mais permanente que a própria vida. A privação da privatividade reside na ausência do outro; para estes o homem privado não se dá a conhecer e, portanto, é como se não existisse.

uns dos outros e contudo evita que colidamos uns com os outros por assim dizer. [...] Só a existência de uma esfera pública e a subsequente transformação do mundo em uma comunidade de coisas que reúne os homens e estabelece uma relação entre eles depende inteiramente da permanência. Se o mundo deve conter um espaço público, não pode ser construído apenas para uma geração e planejado somente para os que estão vivos: deve transcender

GUSTAVO CHAVES: Há um problema grave no texto de Agamben, que é a compreensão de que experiência mesmo é que ele está falando. Lhe parece que não se trata de nenhuma experiência separada, vivida ou narrada mas mesmo de uma que chama de "experiência transcendental". Em outro texto chamado "Édipo e a Esfinge", Agamben fala da interpretação aristotélica de Édipo, que estaria carregada de um equívoco, que é

GUSTAVO CHAVES: A crítica da experiência de Agamben pode ser útil em muitos pontos, que é a crítica daquilo que torna possível a vida, mas pode ser algo que de novas experiências é possível cavar novos territórios, mas parece que não é em Agamben que vamos achar essa experiência possível.

CACA' FONSECA: Há é possível isolar e definir as variáveis, pois o nosso campo de atuação é a cidade. Ou seja, mesmo repetindo exatamente o protocolo, nunca se chegará ao mesmo lugar. Entra também em questão a noção de sujeito-pesquisador, pois a existência dele no campo, ela mesma, ao deparar-se com a cidade, transforma a experiência.

naquele fenômeno. Ou seja, não há neutralidade epistemológica alguma, muito menos de valores, e portanto de posicionamento político, ético e

de reforma urbana? De acordo com a autora "o governo é pré-político".

e a noção de idiota, como aquilo que se refere ao que é próprio, poderíamos falar em idiotização da esfera pública, quando a diferença é subsumida pela "homogeneização das sensibilidades"? Essa expressão é trabalhada por Paola no texto "Notas sobre o espaço público e a imagem da cidade". Também podemos entender a privatização do espaço público, a partir da

a duração da vida dos homens mortais.

Sem essa transcendência para uma potencial imortalidade terrena, nenhuma política, no sentido restrito do termo, nenhum mundo comum e nenhuma esfera pública são possíveis. [...] Transcende a duração de nossa vida tanto no passado quanto no futuro: preexistia à nossa chegada e sobreviverá à nossa breve permanência. [...] Mas esse mundo comum só pode

pensar que o homem da tragédia grega tentava desvendar, porque Édipo tenta decifrar a Esfinge, e essa seria o grande erro do ocidente: o homem ocidental se torna "o homem que desvenda".

Para Agamben, o **mistério**, assim como a infância, é fundador da história. Pensar a experiência é pensar em algo que não podemos tocar. Toda vez que tentarmos desvendar a experiência a

WASHINGTON DRUMMOND: A experiência interior, ou mística, de Bataille, é a da **dissolução do indivíduo**. Quando ela se esgota a sociedade recupera, dá ao indivíduo nome, lugar, função etc. Mas o momento em que ela acontece é do apagamento.

Sobre ao que Silvana coloca, acerca da **experiência da cidade**: Debord denuncia a

GIORGIO AGAM BEN: A transformação de seu sujeito não deixa imutável a experiência tradicional. Enquanto o seu fim era o de conduzir o homem à maturidade, ou seja, algo que se pode somente **fazer** e jamais **ter**: nada mais, precisamente, do que o processo infinito do conhecimento.

FERNANDO FERRAZ: Não. O sujeito está no centro do experimento.

Porque é no momento mesmo que você separa "eu" do "mundo" e

HANNAH ARENDT: Não obstante, o passado de verdadeira experiência política, pelo menos em Platão e Aristóteles, continuava tão forte e jamais houve dúvida quanto à distinção entre as esferas da família e a vida política. Sem a vitória sobre as necessidades da vida na família, nem a vida nem a boa vida possível; a política, porém, jamais se dá à manutenção da vida.

normal. A equalização do espaço público deriva da hegemonia da esfera social no espaço público. A espetacularização tem uma espécie "mais do mesmo", sendo que espaços públicos estão tomando o caráter de **igualdade**, num processo de economização do espaço público.

ação entre "homogeneização das sensibilidades" e a privação do público que seria a privação da própria individualidade, uma vez que o público na noção grega é a realização da individualidade. E por fim insisto na pergunta, se a esfera pública era reservada à individualidade, como se dá a passagem da individualidade para o comum?

sobreviver ao advento e à partida das gerações na medida em que tem uma presença pública. E o caráter público da esfera pública que é capaz de absorver e dar brilho através dos séculos a tudo o que os homens venham a preservar, a ruína natural do tempo.

transformamos em objeto, em **experimento**. Agamben quer estabelecer a experiência enquanto mistério, ao invés de desvendá-la.

experiência estética da cidade que os Surrealistas empreendem como uma aproximação muito grande do misticismo. Debord faz esta crítica enquanto Situacionista, e com ela ele está visando uma política. Ele está no caminho da apropriação desta experiência da cidade – com jogos, com deriva – mas a ideia é da **atuação política**. Não há a imposição de que a experiência

mas apenas acrescer os próprios conhecimentos, a experiência tornar-se-á, ao contrário, algo essencialmente infinito, um conceito "assintótico", como dirá Kant, ou seja, algo que se pode somente **fazer** e jamais **ter**: nada mais, precisamente, do que o processo infinito do conhecimento.

FABIANA BRITTO: Talvez o pressuposto não seja o sujeito, mas essa dinâmica que se instaura e que não é o sujeito. Que não é ele

GUSTAVO CHAVES: O **social** de Arendt teria a ver com a **biopolítica** em Foucault e não o político.

HANNAH ARENDT: Hoje, não apenas não concordaríamos com os gregos que uma vida vivida na privatividade do que é próprio ao indivíduo (*idion*) à parte do mundo comum, é "**idiotia**". Por definição, mas tampouco concordaríamos com os romanos para os quais a privatividade oferecia um refúgio apenas temporário contra os negócios da res pública. O que hoje chamamos de privado é um círculo de **intimidade** cujos primórdios

ICARO VILAÇA: Os processos de espetacularização atuam reduzindo as possibilidades (privação).

Privatização de relacionamentos
pública se idiotizam com a ideia de descomplexificar e homogeneizar, proposta por Paola.

OS MISTÉRIOS
RELACIONAM-SE COM O INDIVÍDUO, E QUALQUER EXPERIÊNCIA QUE NÃO PUDESSE SER EXPRESSA EM PALAVRAS ERA APOLÍTICA E TALVEZ ANTIPOLÍTICA POR DEFINIÇÃO.
(HANNAH ARENDT)

GIORGIO AGAM BEN: É a infância, a experiência transcendental da diferença entre língua e fala, a abrir pela primeira vez à história o seu espaço [...] Experienciar significa necessariamente, neste sentido, **reentrar na infância como pátria transcendental da história**. O mistério que a infância instituiu para o homem pode de fato ser solucionado somente na história, assim como a experiência, enquanto infância e pátria do

deve ser política, mas está no nosso horizonte de intervenção na cidade, da colaboração da comunidade científica, não ter uma avaliação moral em relação a isso.

Benjamin diz: "as forças da embriaguez devem ser conduzidas para a **revolução política**". É necessário que esta embriaguez seja retomada longe do misticismo, embora continue definida como

FERNANDO FERRAZ: Temos que ter cuidado para, quando falarmos sobre experiência, não estarmos falando sobre experimento. **Nós não estamos entendendo a experiência como experimento refutável por pares**. Por isso os protocolos que devemos buscar devem ser de outra ordem.

Sobre a relação entre **experiência transcendental** e conjunto de possibilidades: O transcendental

GABRIEL SCHWARSBERG: Talvez haja aqui um equívoco, uma mistura entre essa ideia de sujeito enquanto conceito filosófico que vem com

HANNAH ARENDT: Pelo conceito de todo conceito de (l)ímino e de submissão, de governo e de poder no sentido em que o ~~esse~~ bem bem como a ordem regulamentada que os acompanha, eram tidos como pré-políticos, pertencentes à esfera privada e não à esfera pública. [...] Ser livre significava ao mesmo tempo não estar sujeito às necessidades da vida nem a comando de outro e também não

podemos encontrar nos últimos períodos da civilização romana, embora dificilmente em qualquer período da antiguidade grega cujas peculiaridades multifórmicas e variedade eram certamente desconhecidas de qualquer período anterior à era moderna. [...] Na opinião dos antigos, o caráter privado da privatividade, implicado na própria palavra, era sumamente importante: significava literalmente **um estado no qual o indivíduo**

DIEGO MAURO: Isto reforça o comportamento, volta para o sujeito em oposição à ação.

FERNANDO FERRAZ: Tem uma passagem importante no texto de Agamben que coloca a seguinte questão: "A experiência se torna se faz, ou ambas as coisas?". Agamben associa também a experiência à infância, ao infante no sentido do não passível de ser dito de forma cabal, esclarecida

homem, é algo de onde ele des sempre se encontra no ato de c na linguagem e na palavra.

O **sujeito transcendental** não é o **senão** o "locutor", e o **pensamento moderno erigiu-se sobre esta assunção não declarada do sujeito da linguagem como fundamento da experiência e do conhecimento**

uma iluminação. É antropológico. Essa é talvez mais próxima da que possam calmar um grupo de pesquisa. Não é mais mística, não é só da embriaguez, mas é de uma experiência **antropológica**. A embriaguez deve ser, segundo Benjamin, a propedêutica desta de experiência.

tem tudo a ver com conjunto de possibilidade e nada com transcendente. O transcendente começa com o corpo, parte dos sentidos. O mistério é alguma coisa da ordem do opaco. A experiência da cidade é, na maioria das vezes opaca. Não queramos torná-la clara, iluminada, esclarecida. O transcendental é algo que permeia a experiência.

WASHINGTON DRUMMOND: Talvez não seja tão simples assim. Nós temos um discurso muito grande do desencanto, inundando